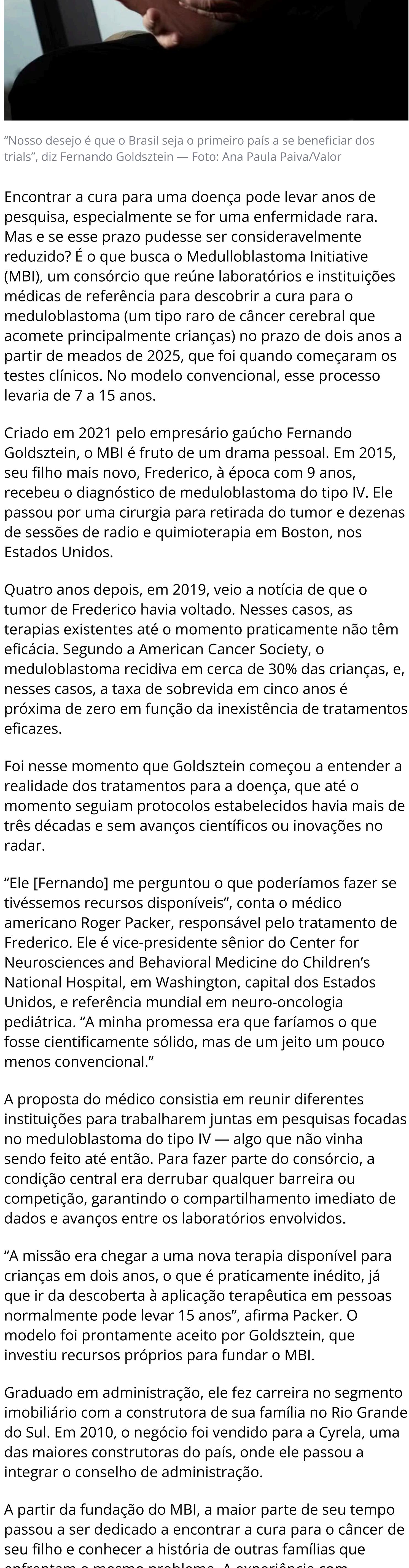


Iniciativa de empresário brasileiro cria chance de cura para um tipo raro de câncer

Após seu filho ser diagnosticado com meduloblastoma, o empresário gaúcho Fernando Goldsztein criou o MBI, um consórcio que reúne laboratórios e instituições médicas para pesquisas

Por Helena Benfica - São Paulo

21/01/2026 05h03 - Atualizado há 3 horas



"Nosso desejo é que o Brasil seja o primeiro país a se beneficiar dos trials", diz Fernando Goldsztein — Foto: Ana Paula Paiva/Valor

Encontrar a cura para uma doença pode levar anos de pesquisa, especialmente se for uma enfermidade rara. Mas e se esse prazo pudesse ser consideravelmente reduzido? É o que busca o Medulloblastoma Initiative (MBI), um consórcio que reúne laboratórios e instituições médicas de referência para descobrir a cura para o meduloblastoma (um tipo raro de câncer cerebral que acomete principalmente crianças) no prazo de dois anos a partir de meados de 2025, que foi quando começaram os testes clínicos. No modelo convencional, esse processo levaria de 7 a 15 anos.

Criado em 2021 pelo empresário gaúcho Fernando Goldsztein, o MBI é fruto de um drama pessoal. Em 2015, seu filho mais novo, Frederico, à época com 9 anos, recebeu o diagnóstico de meduloblastoma do tipo IV. Ele passou por uma cirurgia para retirada do tumor e dezenas de sessões de radio e quimioterapia em Boston, nos Estados Unidos.

Quatro anos depois, em 2019, veio a notícia de que o tumor de Frederico havia voltado. Nesses casos, as

terapias existentes até o momento praticamente não têm eficácia. Segundo a American Cancer Society, o

meduloblastoma recidiva em cerca de 30% das crianças, e, nesses casos, a taxa de sobrevida em cinco anos é

próxima de zero em função da inexistência de tratamentos eficazes.

Foi nesse momento que Goldsztein começou a entender a

realidade dos tratamentos para a doença, que até o

momento seguiam protocolos estabelecidos havia mais de

três décadas e sem avanços científicos ou inovações no

radar.

"Ele [Fernando] me perguntou o que poderíamos fazer se

tivéssemos recursos disponíveis", conta o médico

americano Roger Packer, responsável pelo tratamento de

Frederico. Ele é vice-presidente sênior do Center for

Neurosciences and Behavioral Medicine do Children's

National Hospital, em Washington, capital dos Estados

Unidos, e referência mundial em neuro-oncologia

pediátrica. "A minha promessa era que faríamos o que

fosse cientificamente sólido, mas de um jeito um pouco

menos convencional."

A proposta do médico consistia em reunir diferentes

instituições para trabalharem juntas em pesquisas focadas

no meduloblastoma do tipo IV — algo que não vinha

sendo feito até então. Para fazer parte do consórcio, a

condição central era derrubar qualquer barreira ou

competição, garantindo o compartilhamento imediato de

dados e avanços entre os laboratórios envolvidos.

"A missão era chegar a uma nova terapia disponível para

crianças em dois anos, o que é praticamente inédito, já

que ir da descoberta à aplicação terapêutica em pessoas

normalmente pode levar 15 anos", afirma Packer. O

modelo foi prontamente aceito por Goldsztein, que

investiu recursos próprios para fundar o MBI.

Graduado em administração, ele fez carreira no segmento

imobiliário com a construtora de sua família no Rio Grande

do Sul. Em 2010, o negócio foi vendido para a Cyrela, uma

das maiores construtoras do país, onde ele passou a

integrar o conselho de administração.

A partir da fundação do MBI, a maior parte de seu tempo

passou a ser dedicado a encontrar a cura para o câncer de

seu filho e conhecer a história de outras famílias que

enfrentam o mesmo problema. A experiência com

Frederico encorajou para o executivo uma situação que

até então ele desconhecia.

Neste momento Frederico não tem sinal de tumor ativo,

por esse motivo ele ainda não se beneficiou dos avanços

nas pesquisas. Mas é sabido que o câncer pode voltar a

qualquer momento, por isso a urgência do MBI em ter um

tratamento eficaz o quanto antes.

Atualmente ele mora no Brasil e vai aos EUA

periodicamente para fazer exames de acompanhamento.

Aos 19 anos, o jovem tenta levar uma vida o mais normal

possível, faz cursinho pré-vestibular, planeja estudar

geografia na faculdade e cultiva a fotografia como hobby.

Além das pesquisas, outro compromisso do MBI é fazer

com que essas descobertas não fiquem restritas aos

países desenvolvidos. No início de novembro, o instituto

assinou um memorando de entendimento com o Hospital

Israelita Albert Einstein, a primeira colaboração formal da

instituição com uma organização brasileira.

O acordo prevê colaboração científica, compartilhamento

de conhecimento e participação prioritária em futuros

ensaios clínicos desenvolvidos pelo consórcio. "A depender

dos resultados, nosso desejo é que o Brasil seja o primeiro

país a se beneficiar dos trials [testes]. Mas isso é uma

intenção, porque dependemos de terceiros", afirma

Goldsztein.

Para Packer, que acompanha pesquisas nesse segmento

há mais de 40 anos, a experiência com o MBI tem

representado não só uma oportunidade profissional como

uma mudança pessoal. Ele, que por muito tempo se

considerou alguém que via "o corpo meio vazio", diz que o

progresso recente o tornou mais otimista. "Ao longo da

última década fiz parte de coisas que nunca acho que

veria na medicina", diz.

Apesar de cauteloso, ele acredita que o MBI pode vir a se

torpar uma referência para outros tratamentos. "O que

estamos percebendo é que esse modelo funciona e que,

no futuro, provavelmente esse modelo irá tornar-se o

sustentável de levar novas terapias a crianças com outros

tipos de tumores cerebrais."

Valor ECONÔMICO